MEMÓRIAS
DA
ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE
LISBOA

CLASSE DE LETRAS

TOMO XLIV

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

LISBOA • 2023

Letras e algumas artes da grande guerra

José-Augusto França†

Desde 1914 que uma "literatura de guerra" se inspirou da experiência vivida (ou imaginada) do conflito europeu, levado à escala mundial, entre todas as nações sucessivamente envolvidas. Para a cultura ocidental cedo contou, vindo de França, em 1916, *Le Feu*, de Henri Barbusse, obra largamente celebrada, e, de lá também, pelos anos fora, muito lembrada foi a obra de M. Genevoix, como depois, em 1929, teve larga audiência, do lado alemão, *A Oeste nada de Novo*, de E. M. Remarque, a que o cinema deu considerável eco em 1930 (L. Milestone), e a que a obra, pelo contrário militarista, de E. Jünger trouxe polémica e trágica resposta. Da América, foi em 1929 que E. Hemingway enviou o *Adeus às Armas*, em que começaria a sua celebridade (e que teve também expressão cinematográfica em 1957 — King Vidor), mas muito mais tarde, o renome de W. Faulkner, prémio Nobel como ele, consagrou-se em *A Fable*, que é talvez a sua obra-prima.

Muito longe estamos dessa ou dessas medidas em Portugal, mas importa ter acesso crítico a muitas publicações que Hernâni Cidade inventariou em 1937, no *Bulletin d'Etudes Portugaises*, sem que conste levantamento posterior, e que aqui se acrescenta. Fê-lo com autoridade académica este eminente professor das Universidades do Porto e de Lisboa, mas com devoção também, — ele que, combatente da Flandres, teve, até falecer pendurada na sua biblioteca, uma máscara anti-gás que usara na "frente".

Há, variadamente, bom e menos bom, nesta linguagem de obras, para além de funções de patriotismo político que no Parlamento então se exprimiram, à nossa entrada na Guerra (ou à dela sairmos, no discurso presidencial da Vitória, de Sidónio Pais, da discutida convicção), e nas polémicas que acompanharam a nossa intervenção, com as críticas do Comandante Correia da Silva em *Memórias da Guerra no Mar* (1921), ou, mais violentas, nas páginas de *A Mentira da Flandres e… o Medo*, do Major Ferreira do Amaral, em 1922, em nome do heroísmo com que se batera e comandara o "Batalhão de Tomar"

de Infantaria 15. Ou até ao *Ultimatum* futurista de Almada Negreiros, em 1917, clamando pela "grande experiência que serve para mostrar os fortes e salvar os fracos 'nesta' guerra higiene do Mundo" em que Pessoa-Álvaro de Campos nos achava "incompeten(tes)" — mas na qual, ao oposto dos republicanos convictos, eles e os seus companheiros de então não se arriscaram, nem voluntária nem involuntariamente… Ou até ao grande discurso sentimental com que o presidente António José de Almeida saudou os despojos do "Soldado Desconhecido", em 1921. E não esquecendo o texto exaltado de Guerra Junqueiro, de Novembro de 1918, sobre *O Monstro Alemão*.

Literatura como tal, entre poesia, ficção e crónica ou diário, fizeram-na uma dúzia de autores que na sua história ficaram por merecimento próprio — ou não ficaram, nos limites da circunstância. E, inesperadamente (como sempre nele…), Fernando Pessoa, em 1914, escreveu três esboços inacabados de contos sobre a guerra distante: "A Estrada do Esquecimento", "Trincheira", "O Sargento falso" — que ficaram desconhecidos e inéditos até 2015, com a sua sibilina e enviesada estrutura literária, originalíssima.

Se devemos lembrar por documentação do nosso tema toda esta produção (e a fernandina também…), mais devemos reservar para o fim dois ou três títulos que, com alguma provável surpresa, por estarem esquecidos ou mal-arrumados em categorias menos prezadas, importa trazer a este panorama do nosso entendimento sensível de uma grande experiência humana que a nação atravessou, em sangue, suor e lágrimas.

Deixemos de parte a historiografia militar do conflito, com a fonte principal e fidedigna de *Portugal na Grande Guerra*, publicada sob a direcção do General Ferreira Martins em 1935. Ou também, na sua perspectiva de crítica política, a obra do poeta (que tal nos vai interessar) Augusto Casimiro sobre *Sidónio Pais — Algumas notas sobre a intervenção de Portugal na Guerra* em que bravamente participou — e que foi tema importante de um número especial d'*A Águia*, reunião de textos significativos da geração republicana da "Renascença Portuguesa", a que pertenciam Casimiro e o seu cunhado Jaime Cortesão, outro combatente e, como ele, autor de "diários" que contam entre os mais atentos e sensíveis (e necessários) testemunhos da guerra, logo em 1918 e 1919.

Nas Trincheiras da Flandres, de Casimiro, e *Memórias da Grande Guerra*, de Cortesão, são duas obras circunstanciais que, pela qualidade literária e

poética das suas anotações e evocações assumem uma grave situação de humanismo, geracional na cultura portuguesa. Que a guerra, em sua posição extrema, exacerbou.

Mas essa humanidade assim mostrada tem, nas páginas de Augusto Casimiro, um quotidiano pitoresco e popular que o soldado Pocinho, seu ordenança, representa, como também o corneteiro Esgalhado, soldado repontão e corajoso de que fala Cortesão — mais afeito, porém, na sua poesia, às elevadas emoções e aos símbolos da pátria e do amor, nas pessoas do soldado que via "paciente, sofredor, heróico". Nenhuma "visão teatral", como no livro de Casimiro se declara, existe ou se pretende nestas páginas atravessadas pelo quotidiano de miséria e monotonia, vivido debaixo dos obuses de uma guerra de posições, sem lances assinaláveis.

Outro poeta ainda, Pina de Morais, narrou cenas desse quotidiano em prosa nervosa e sóbria, nas páginas de *Ao Parapeito*, publicadas em 1919, e com mais duas edições até 1924, e a sorte única de uma tradução em francês, *Au Creneau*. António Granjo, outro combatente voluntário, vindo da política (e que pela política viria a ser torpemente assassinado, em 1921), publicou também um diário de "cenas de guerra" sob o título *A Grande Aventura* em que o seu entusiasmo patriótico via "ressuscitar" os "corações mortos" dos seus soldados — que nada abatia, nas misérias pitorescas da "carne podre" e do "bacalhau intragável" que lhes eram servidos no transporte dos barcos ingleses.

Mas ainda um jornalista de ousadias provocatórias, cronista "cínico" e "imoral" da Lisboa miserável ou "trágica" e de "vidas sombrias", Albino Forjaz de Sampaio, mandou de França suas crónicas de guerra que, em 1918, reuniu em *A Avalanche*, ao serviço da apologia da participação portuguesa que ele próprio exemplificara, em crónicas do "front", precedidas de comentários de política europeia.

De todas estas memórias imediatas do conflito em terras de França uma obra se destaca, porém, assinada por um apreciadíssimo comediógrafo e humorista de imprensa e livros desde 1910, que, de ascendência francesa, era oficial de carreira e foi major no Corpo Expedicionário português. André Brun reuniu em 1918 (e com já quarta edição em 1924) as crónicas que publicou sobretudo no diário *A Capital*, sob o título celebrado de *A Malta das*

Trincheiras — Migalhas da Grande Guerra, e nele devemos deter-nos, como o texto se detém em Fevereiro de 1918 — quando, até ainda Abril, 9, a guerra era vivida pacatamente num funcionalismo de trincheiras, com "guarnições fixas e sítios certos" pela rotina dos dias acomodados, até que ela, a guerra, "viesse causar muitos incómodos", no dia trágico da batalha de La Lys, que o autor evoca ao fim das suas trinta e duas crónicas (mesmo dirá "anedotas"), já recolhido no Forte da Graça, em Elvas, pelo Natal desse ano vivido. E são apontamentos e cenas em que vemos passar o Folgadinho, um dos seus "lãzudos" metidos nas "trincheiras" que era necessário "cavar" para se protegerem, ou indo aos "estaminets" improvisados no "front", e procurando situações prudentes de "chapins" na retaguarda, ou emprego de "recoqueiros", a tratarem do gado de carga, ou, feridos e estropiados, feitos "gosmas", tirados da frente — e sempre invejando os oficiais "palmípedes" do Estado Maior, em seus aboletamentos… O estilo é ligeiro, mas comovido de humanidade, irónico e jamais reivindicativo, ou sequer queixoso da sorte, ou dos outros, criticando responsáveis ou irresponsáveis.

Isso, porém, fazem dois outros oficiais, de profissão ou milícia, que foram combater em Moçambique, na zona norte do Niassa, ameaçada pela colónia alemã: Carlos Selvagem (pseudónimo do dramaturgo aplaudido de *Entre Giestas*. Drama rural de estreia em 1917), em *Tropa de África,* e António de Cértima, em *Epopeia Maldita*, pelo meio de uma longa vida literária com "volúpias" mundanas e posição política nacionalista (como Selvagem). O primeiro livro saiu em 1919 e teve cinco edições merecidas, o segundo em 1924, com anúncio de outra obra jamais editada, *O Inferno — Carvões da Campanha Negra*.

Nos vinte e sete capítulos de *Tropa de África*, "jornal de campanha" vivida nas circunstâncias incertas e irregulares do sertão, "a 4000 léguas de distância" de Portugal e disso resultando o pouco interesse havido nos noticiários pela "pobre tropa de África", Carlos Selvagem desenvolve os seus comentários, com humor e "a certeza de que a velha Inglaterra" velava sobre as conveniências (aliás duplas) do seu país, nesta guerra ingrata. Que ele não deixa de comparar com a que se tratava na Flandres — a ponto de considerar os soldados do Corpo Expedicionário de França, como "felizes". É digna e discreta a prosa do autor, em suas descrições e anotações e com ela temos um

panorama da situação experimentada, em suas dificuldades, sem dramatismo na exploração.

Ao contrário faz Cértima, falando no "drama da guerra de África que foi sofrido e meditado pelo combatente" que era ele, num "livro inquieto e triste" sobre "uma guerra inútil e por isso mesmo abominável", vivida nos "torvos areais dos cemitérios de Palma", junto ao rio Rovuma, e sofrendo o infeliz cerco de Newala. É um episódio de "jornadas angustiosas" resultantes de "torpe irresolução", de "desleixo", de "irresponsabilidade" dos comandos amesendados, "emboscando drinks" à distância da messe dos oficiais… Acusações graves de quem achava que "já não há(via) portugueses!", falecidos os "atavismos guerreiros do louco infante de Alcácer Kibir!". São perto de 300 grandes páginas dramatizadas numa prosa preciosa em que "o luar branco estendia amorosamente a sua toalha alvíssima de reza como uma bênção de Deus". Escreveu-as o autor (que se pôs retrato desenhado na capa) em Sintra, em 1924, apelando algo politicamente para "batalhões em vigília d'armas!"

Em poesia, alinham-se também os títulos, e logo do velho Guerra Junqueiro, em 1914, saudando o destino heróico da enfermeira Edith Cawell. Alfredo Brochado, nas cinco páginas de quadras do *Sangue dos Heróis* recitadas em Amarante, no 9 de Abril de 1921, ou Alfredo Barata da Rocha nos 38 sonetos da Névoa da Flandres, dedicados aos seus "irmãos de fogo e agonia", que a "Renascença Portuguesa" editou em 1924, ou Álvaro Cabral, na sua "plaquete" de homenagem a Alberto I da Bélgica, logo em 1914, exortando à Vitória em *Quem vem lá?* Deram obras de circunstância — que António Correia de Oliveira, com a sua fluente inspiração popular e nacionalista, bem ultrapassou nas "novas redondilhas" preciosamente editadas em 1918. "Vão soldados mundo fora/E a Pátria é Nossa Senhora/Crucificada também. Soldados do povo que se interrogam: "Se nós vencemos? Agora/Temos que sim… Pois então!". Ou, mais adiante: "Se voltarei? Deus o queira!/Se aqui ficar… É razão!" Título do voluminho: *Soldado que vais à Guerra.*

Mas também em ficção a Grande Guerra foi tratada, por Lapas de Gusmão — autor das crónicas dramatizadas publicadas n' *O Século*, *A Guerra no Sertão*, sobre a campanha no Sul de Angola, em 1914–15 — , em volume só de 1935 e anunciando, então outras, não editadas, *De Naulila ao Cuanhanha*.

Ele compôs, em *Visão da Guerra*, publicado em 1932, memórias inventadas de um alferes miliciano Hermínio Lusitano que se dá conta da grande "desorientação" dos comandos, presos a uma burocracia caricata, no momento trágico do 9 de Abril. Não merece lembrança a obra, e também pouca os dois volumes de romance e contos, publicados por João Grave em 1917 (com 2.ª edição em 1919) o primeiro, *O Mutilado*, e *Os Sacrificados*, que agrupa dezassete textos de variada inspiração. Sempre, porém, fiel a uma veia naturalista vinda de Zola, com as suas preocupações sociais e de taras hereditárias, antes de vir a converter-se ao catolicismo, numa carreira literária portuense de farmacêutico e de bibliotecário, que o levou à Academia das Ciências. N' *O Mutilado* temos, em quase 400 páginas, uma história de oficial que volta mutilado para os braços da mãe ("amor sagrado em lustrais lágrimas de alívio"), quando a noiva, incapaz de o esperar, já com outro fugira, por drama burguês. Idêntica mediocridade assiste aos contos, que vão de "sonhos de epopeia" e de "pelejas incessantes" a "actos de heroísmo com direito ao repouso perpétuo", ou a ciúmes perdoados com "grandes beijos de doçura" em "frontes de moribundo" — nos "céus altos fulgindo as estrelas". Não praticou a guerra o autor, mas dela via ainda nascer, na última linha do volume, "uma humanidade prodigiosa"…

No domínio do teatro, Luís-Francisco Rebello, na sua incontornável autoridade, assinala (em 2010) a pouco significativa repercussão de temáticas da guerra, mencionando somente quatro títulos em 1914 (*Avante França!* De Henrique Roldão), em 1915 (*Paz Bendita*, de António de Oliveira) ou 1916 (*A Grande Guerra*, de Emílio Alves e *Depois da Guerra*, de Álvaro Marinha de Campos), não se sabendo sempre se representadas algures ou sequer editadas, na sua autoria como que anónima ou pelo menos modesta. Mas *O Amor na base do C. E. P.*, de Alexandre Malheiro, teve pitoresca representação num campo alemão de prisioneiros de guerra e seria editada pela "Renascença Portuguesa" em 1919. Dois *9 de Abril* foram escritos, por Teresa Leitão de Barros em 1919, e, com maior invenção poética, por António Botto, já em 1938 — bem entendido que sem experiência bélica que tivessem tido, na evocação da data trágica. Tal como Laurentina de Jesus, logo em 1915, com as "fortes impressões emotivas" de *A Visão da Guerra*, em 100 páginas de prosa de "alma feminina".

Experiência tiveram-na, como vimos, Lapas de Gusmão e Augusto Casimiro ao escreverem, para palco, *O Mutilado* ou *Portugal nas Trincheiras*, já em 1928

ou 1923; talvez não Joaquim Leitão nos *Cegos*, em 1926, ou Carlos Ornelas no *Último Dia dum Condenado*, em 1932 (incluído num tomo de sete *Contos Amargos da Guerra*, de uniforme banalidade), ou Carlos Ferreira em *A Irmã Cruz de Guerra*, em 1924) — que são geralmente actos únicos, apenas motivos pelo convencional tema do patriotismo.

Nos títulos das 106 revistas estreadas nos palcos de 1914 a 18, por seu lado, nada se revela de propósitos de guerra, e, na verdade, L. F. Rebello só encontrou duas peças com lembranças dela, logo em 1915, de André Brun, *Não Desfazendo…*, que se termina com um recitativo banal sobre "A Hora Gloriosa", que "há-de chegar", com a Vitória sobre os "chacais", — "hora da vingança", num "acordar perfeito" em que "o aço das espadas" se fundirá nas "charruas sagradas do Progresso e da Paz"! E numa revista da trilogia de ideário nacionalista com que Eduardo Schwalbach, entre 1915 e 18, remou em contra-corrente das jocosas críticas políticas, sempre republicanas, que os palcos aplaudiam. Foi em *O Dia de Juízo*, que, em Abril de 1916, declara a guerra no mês anterior, estreou um quadro a ela patrioticamente alusivo que ainda veio a ter mais cinquenta representações.

Mas mais significativo por qualidade foi a comédia musical *João Ratão*, de João Bastos, Ernesto Rodrigues e Félix Bermudes, "parceria" famosa de revisteiros, que engendrou, em 1920, uma dupla história de amor de combatentes retornados, um oficial e um pitoresco soldado, o "João Ratão" — que viria a ser levada ao ecrã em 1940 por Brun do Canto, trocando então o popular Estevão Amarante pelo também excelente Óscar de Lemos, para merecido sucesso.

E no cinema cabe registar cerca de 40 documentários da guerra, filmados de 1914 a 1918 — mas um só no "front", em 1917. Da muita fotografia então tirada, mesmo oficialmente, há que aguardar inventário.

* * *

… Tudo isto, letras e teatro, acontecia, porém, não o esqueçamos, pelo meio de uma vida literária que vinha de Oitocentos e para o século XX dificilmente se encaminhava… Neste novo século que os futuristas proclamavam, *Orpheu* e o *Portugal Futurista*, o *K 4*, *O Quadrado Azul*, e *A Engomadeira*, de Almada Negreiros, a par dos poemas de Pessoa e Sá-Carneiro, punham

então uma nota de escândalo logo gozado reprovado e abafado, entre os êxitos continuados dos livros de Júlio Dantas (quatro títulos então saboreados, para além do "Manifesto" que, contra o autor, Almada lançara…), ou de Henrique Lopes de Mendonça e Antero de Figueiredo, em suas sagas histórico-patrióticas, quando terminada a "Patologia Social" de Abel Botelho e já só *In Memoriam* Fialho de Almeida, falecido em 1911, existia, arrastado o sentimentalismo popular de Júlio brandão, Guerra Junqueiro retirado, como Pascoaes, desde o *Regresso ao Paraíso* de 1912, ou Leonardo Coimbra, "criacionista" arredado do presente, Eugénio de Castro entrado na ordem clássica de que passara a gabar-se, e só António Patrício terminava a sua obra com *Pedro e Inês* e *Dinis e Isabel* (1918 e 19), antes da grandeza final de *D. João e a Máscara* que será só de 1924. E o jovem Aquilino Ribeiro, estreado no *Jardim das Tormentas* em 1913, só daria *Terras do Demo* em 1919. Mas sim, no meio desde mar morto dos anos 10, a última grande obra de Raul Brandão, *Humus*, mesmo em 1917…

… Como, na pintura, Columbano e o seu oposto Malhoa, noite e dia, sombras e sol da pátria, que da guerra não cuidaram, como também não qualquer dos seus contemporâneos do naturalismo continuado. Mas se couber aqui, por utilidade, a informação, terminemos lembrando o "capelão que tirava retratos com um lápis", tranquilamente sentado nas trincheiras da Flandres, e que era assim visto pelos "lãzudos" do André Brun. O capitão arvorado Adriano de Sousa Lopes, como tal fora encarregado de documentação artística da frente de batalha. E dele ficaram notáveis desenhos passados à água-forte, de grande expressão — e as quatro grandes composições pintadas em 1927 para o Museu Militar, com cenas dramáticas ou de mísero quotidiano, e incluindo o combate da pequena canhoeira "Augusto de Castilho" com um submarino alemão, peça única na iconografia nacional — e aliás objecto de dois filhos em 1918, um inglês e outro alemão.

De Carlos Franco, que se bateu nas fileiras da Legião Estrangeira e já morreu em França em 1916, pouco se sabe ou tudo se perdeu; não de Constantino Fernandes que deixou pinturas e desenhos da Flandres, ou do tenente-coronel do Estado Maior José Joaquim Ramos, que teve carreira de pintor naturalista assaz expressivo, em cenas de guerra da campanha de África que foi expondo. Apontamentos de humor do capitão Meneses Ferreira foram várias vezes

expostos e publicados — como no saboroso livro que escreveu em 1924, *João Ninguém, Soldado da Grande Guerra, Impressões do C. E. P. 1917–1918*. E uma exposição de "A Arte e a Guerra", organizada no Porto, em Agosto de 1917, por Leal da Câmara que viera de Paris, tem significado patriótico para além de qualquer figuração tentada e de que pouco pode restar.

Foi na escultura que a representação da guerra teve outra dimensão, mais tarde, nas peças expressionistas do combatente de cavalaria Delfim Maia (que no Museu Militar também se vêm) — ou numa estatuária comemorativa, nos muitos monumentos aos "Mortos da Grande Guerra", de anos 20 e 30, pelo país fora — com maior e mais significativo destaque para os de Rui Gameiro em Abrantes e Lourenço Marques, em 1930 e 1931, e o mais evidente de todos, na Avenida da Liberdade de Lisboa, que Maximiliano Alves esculpiu e foi inaugurado em 1931, com a grande figura dramática do "Esforço da Raça", em termos expressionistas, Antes, porém, fora infelizmente inaugurado, no cemitério de La Couture, o monumento realizado por um Teixeira Lopes em decadência da sua arte que tivera notáveis momentos nos fins de Oitocentos. Mas também se assinala a memória de uma excelente parede esculpida com que o jovem Francisco Franco assinalou, em 1917, no Funchal, o ataque que a cidade sofreu, de um submarino alemão, no princípio da guerra.

(Comunicação apresentada à classe de letras
na sessão de 11 de novembro de 2015)